

## **Formação Universitária e Cidadania Democrática: Reflexões a partir de Martha Nussbaum**

*Rosana Cristina Kohls*

*La educación tendrá por objeto el pleno desarrollo de la personalidad humana y el fortalecimiento del respeto a los derechos humanos y a las libertades fundamentales; favorecerá la comprensión, la tolerancia y la amistad entre todas las naciones y todos los grupos étnicos o religiosos. (DECLARACIÓN UNIVERSAL DE LOS DERECHOS HUMANOS, 1948)*

### **Resumo**

Este estudo traz como referência básica os estudos de Martha Nussbaum e parte do pressuposto de que estamos inseridos no atual contexto histórico social, em uma crise generalizada que abrange os aspectos políticos, sociais e econômicos, mas acima de tudo vivemos uma crise na educação, na formação dos sujeitos para a democracia. Sendo assim, o processo democrático está em perigo. O objetivo principal é promover uma reflexão acerca das atitudes necessárias para a formação da cidadania democrática e o papel do Ensino Superior no desenvolvimento destas habilidades. Neste sentido, o que se questiona é de que forma pode a Educação e especialmente o Ensino Superior, o qual carrega o estigma de formar para o mercado de trabalho, servir de base para a construção de uma cidadania democrática? Iniciamos mapeando os aspectos que tem servido de pano de fundo para a atual “crise”. Em seguida, elencamos as bases sobre as quais tem acontecido o Ensino nas Universidades, identificando os fins a que se destina este Ensino. Na sequência, apoiados no pensamento de Martha Nussbaum, apontamos o conjunto de “atitudes”, que se colocam como alternativas e possibilidades para a construção de uma cidadania democrática.

**Palavras chaves:** Educação – Cidadania – Democracia

### **Introdução**

O presente estudo tem como objetivo promover uma reflexão acerca das atitudes necessárias para formação da cidadania democrática e o papel do Ensino Superior no desenvolvimento destas. Para tanto, uma série de questões se colocam. Qual o nível de consciência e importância atribuída à democracia pelas gerações atuais? Qual é o papel exercido pelos cidadãos nas sociedades democráticas? Considerando o atual contexto social, político e cultural, marcado pelas crises políticas e econômicas, mas acima de tudo éticas, consideramos a possibilidade de que o sistema democrático possa estar em risco.

Neste sentido, o que se questiona é: de que forma pode a Educação, e especialmente o Ensino Superior, o qual carrega o estigma de formar para o mercado de trabalho, servir de base para a construção de uma cidadania democrática? Quais aspectos do atual contexto

educacional precisam ser superados? Quais aspectos precisam ser incentivados, (re)criados ou elucidados para que este seja um elemento de possibilidade à restauração e/ou manutenção dos princípios e virtudes necessários à democracia? Quais são as bases que sustentam e justificam o ensino hoje? O que a atual experiência educativa tem produzido como resultado humanizador? Qual o papel que as humanidades têm ocupado nos currículos Universitários? O que significa formar para a cidadania democrática em meio ao atual contexto? Quais os valores, virtudes, atitudes e comportamentos esperados de um cidadão democrático?

Trata-se de um rol de questionamentos, a partir dos quais vamos buscar no pensamento de Martha Nussbaum elementos que nos auxiliem na elaboração de uma análise e na elaboração de possíveis respostas.

A temática é ampla e engloba muitos aspectos. Neste sentido, estaremos fazendo opção por algumas abordagens, em detrimento de outras tantas possíveis, cientes de que pela complexidade de elementos que o tema envolve, suscita infinitas possibilidades de análise e reflexão. Não temos, assim, a intenção de dar o assunto por acabado, mas sim, de ser este referencial o início de um necessário debate sobre o papel do Ensino Superior na formação para a cidadania democrática. Sendo assim, o presente trabalho se estrutura, inicialmente, mapeando os aspectos que tem servido de pano de fundo para a atual “crise” que estamos vivendo. Em seguida, elencamos as bases sobre as quais tem acontecido o Ensino nas Universidades, identificando o sentido do Ensino que é hoje praticado e, na sequência, apontamos os elementos que, segundo Nussbaum, se colocam como alternativas e possibilidades para a construção de uma cidadania democrática.

## **1. Contextualizando o contexto: Globalização, Cidadania e Democracia hoje**

Há uma certa unanimidade entre os pensadores deste nosso tempo sobre o fato de que estamos vivenciando experiências únicas. Em nenhum outro momento da história humana, tantas, rápidas e radicais mudanças ocorreram em todos os aspectos da vida humana. Como refere Giddens (2002, p. 09), “as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social, quanto ao seu dinamismo ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais e a seu impacto global”. A globalização é a cortina de fundo. Com ela, não desmoronaram apenas fronteiras econômicas e políticas, mas, associada às novas

tecnologias, tem sido responsável por mudanças significativas tanto nas relações sociais, econômicas, educacionais e do indivíduo consigo mesmo.

Configura-se um novo tempo sobre o qual temos muitos questionamentos e inquietações, mas poucas respostas: “atualmente, nos encontramos diante de uma situação extremamente complicada, que exclui toda resposta unívoca e que dá lugar apenas a previsões relacionadas com soluções alternativas” (SCHAFF, 1995, p.104). Trata-se mesmo de um período em que todos estão sendo chamados a repensar o sentido de nossa existência e das relações que temos estabelecido. Constituem-se, desta forma, as ditas sociedades complexas, pós-modernas, pós metafísicas e tantas outras denominações que lhes são atribuídas.

Outro aspecto nesta complexidade social, no que tange à constituição, identificação e definição do sentido da cidadania democrática, é o fato de que o ser humano defronta-se com a difícil tarefa de, para compreender-se como sujeito, como cidadão, antes, situar-se dentro e a partir da realidade que o cerca. E como compreender de fato esta “realidade” que se apresenta tão “diferente” e tão transfigurada, deformada, direcionada pela mídia, tão cheia de novos e variados conceitos sobre as mesmas coisas? Cidadania e democracia neste contexto estão entre os conceitos que, pela multiplicidade de definições, por vezes parecem ter perdido seu real sentido e significado. Assim sendo, em uma sociedade globalizada, tanto a democracia quanto a cidadania tomam novas nuances. O cidadão tornou-se “cidadão do mundo”. E a democracia tem que conviver e se adequar à economia e a tendências políticas mundiais. Pensar, projetar o futuro, tornou-se algo tão difuso e conflituoso que na sociedade moderna a vida tem sido pautada no presenteísmo vulnerável e banal do cotidiano midiático, o que de certa forma coloca em risco tanto a cidadania participativa, quanto a democracia.

Há, outra situação desafiadora, a saber, o fato de que, neste emaranhado de situações, é impossível não reconhecermos os incontáveis e inegáveis avanços na área tecnológica, que em muito tem contribuído com a vida humana. Porém, contradição é a palavra que melhor se adequa ao contexto. Pois, em meio aos avanços, há os retrocessos, as perdas, as inquietudes, a infelicidade, os riscos e a fragilidade quanto ao futuro que nos espera. Uma das questões mais sérias que se apresenta é com relação ao futuro da(s) democracia(s). Para Nussbaum, de todas as crises existentes e que podem influenciar no futuro das democracias, a crise da educação é a que mais preocupa.

*principios del año de 2008. Al menos en ese momento, todo el mundo sabía lo que se avecinaba y varios líderes mundiales reaccionaron de inmediato, desesperados por hallar soluciones. En efecto, el desenlace para sus gobiernos sería arduo si no las encontraban, y a la larga muchos de ellos fueron reemplazados por causa de la crisis. No, en realidad me refiero a una crisis que pasa prácticamente inadvertida, como un cáncer. Me refiero a una crisis que, con el tiempo, puede llegar a ser mucho más perjudicial para el futuro de la democracia: la crisis mundial en materia de educación.* (NUSSBAUM, 2010, p. 19-20, grifo nosso).

A Democracia pode ser considerada uma das grandes conquistas da modernidade, sinônimo de avanço político e social. Porém, nestes tempos nebulosos, não só a prática da democracia se torna confusa, até mesmo o sentido e o significado atribuídos a ela se diversificam. De acordo com o segmento, grupo ou organização, o termo e a prática podem tomar diversos nuances até mesmo contraditória entre si.

Entendemos a Democracia como necessária às sociedades que anseiam por formas de vida livres e participativas, onde as pessoas desejam se ver na condição de cidadãos de direitos e deveres. Sociedades que se libertaram de formas arcaicas de governos tiranos e autocráticos, os quais representam retrocessos históricos. Segundo Nussbaum (2004, p. 264-265), isso passa pelo *“respeto mutuo y la reciprocidad son bienes sociales extremadamente importantes, que están en el centro de la concepción política de una democracia liberal. (...) las ideas mismas de dignidad e igualdad en las que se basa la democracia liberal”*.

No entanto, a realidade vivenciada, tem demonstrado fortes indícios de enfraquecimento e deterioração destas bases democráticas e, por consequência, da cidadania. Em proximidade com o pensamento de Nussbaum, a definição de Democracia que se adéqua aos preceitos que em nosso entendimento constituem as bases para uma vida organizada sob os preceitos democráticos é este:

Democracia aqui entendida como o regime político fundado na soberania popular e no respeito integral aos direitos humanos tem a vantagem de agregar democracia política e democracia social, liberdade e justiça. Em outros termos resume os pilares da “democracia dos antigos” e da “democracia dos modernos”, a primeira tão bem explicitada por Benjamim Constant (1819) e Hannah Arendt (1965) como a liberdade para a participação na vida pública e a segunda associada ao ideal republicano e aos valores do liberalismo e da cidadania contemporânea, quais sejam, as liberdades civis e a solidariedade, a alternância e a transparência no poder (nesse caso específico, contra a *arcana imperii* de que fala Bobbio) o respeito à diversidade e o valor da tolerância. (BENEVIDES, 1996, p. 225.)

Entendemos que a permanência e ou sobrevivência de um sistema democrático exige certas condições e estas tem a ver com a formação, com a educação, tanto formal, quanto informal dos sujeitos. Para Nussbaum (2004, p. 264):

*Es necesario enfatizar una cuestión desde el principio: el impacto de las instituciones en el desarrollo de los niños es profundo. Resulta crucial no creer que el desarrollo de niños ocurra en la “esfera privada” hasta que son ciudadanos adultos. En cada etapa de ese desarrollo es afectado, para bien o para mal, por leyes e instituciones. Las normas públicas de una sociedad respecto de asuntos de género, sexualidad y discriminación influyen en la vida de los progenitores y, por en la de sus hijos, de muchas maneras diferentes. Al madurar, estas normas afectan a los niños de un modo más directo.*

De fato, a democracia está em perigo. As causas podem estar na forma como temos negligenciado nos processos formativos as atitudes que, segundo ela, são uma condição para a vida, manutenção e aprimoramento das democracias. Segundo Nussbaum (2010, p.20, grifo nosso):

*Se están produciendo cambios drásticos en aquello que las sociedades democráticas enseñan a sus jóvenes, pero se trata de cambios que aún no se sometieron a un análisis profundo. Sedientos de dinero, los estados nacionales y sus sistemas de educación están descartando sin advertirlo ciertas aptitudes que son necesarias para mantener viva a la democracia. Si esta tendencia se prolonga, las naciones de todo el mundo en breve producirán generaciones enteras de máquinas utilitarias, en lugar de ciudadanos cabales con la capacidad de pensar por sí mismos, poseer una mirada crítica sobre las tradiciones y comprender la importancia de los logros y los sufrimientos ajenos. **El futuro de la democracia a escala mundial pende de un hilo.***

Tais colocações nos remetem, de imediato, à reflexão sobre o que de fato estamos fazendo com o ensino. O quanto à educação tem se comprometido com a formação dos cidadãos, responsabilizando-se com o desenvolvimento destas “atitudes”, que segundo Nussbaum são necessárias para manter vivas as democracias. Que atitudes são essas? Faz-se necessário analisar os princípios norteadores e os fins para os quais o ensino, que é feito nas Universidades, tem se destinado. As Universidades têm contribuído para a formação de um cidadão “virtuoso”, reflexivo, crítico, ético e solidário ou para a formação de “sujeitos passivos”, competitivos, adaptáveis e acima de tudo calados e indiferentes?

Os governos democráticos veem-se envolvidos em constantes crises, sendo que a corrupção tem sido o grande mal que assola estes governos. No entanto, mesmo reconhecendo as fragilidades e os desencantos que este sistema possui, ainda temos que concordar com o que já dizia Rosseau (2000 p. 89, grifo nosso):

Ajuntemos que não há governo tão sujeito às guerras civis e às agitações intestinais quanto o democrático ou popular porque não há outro que tenda tão intensa e continuamente a mudar de feição e que exija mais vigilância e coragem para ser conservado na sua forma original. É, sobretudo, nessa constituição que o cidadão deve se armar de força e constância e dizer, a cada dia de sua vida, do fundo do seu coração, o que dizia um virtuoso palatino na dieta de Polônia: *malo periculo Sam libertat em quam quietum servitium* (**Antes a liberdade perigosa que a servidão tranquila**).

Sim, concordamos com Rousseau, plenamente. Antes a liberdade perigosa do que a servidão tranquila. Porém, o que tem caracterizado o comportamento das pessoas com relação às questões político-sociais são a apatia, o descaso, a indiferença e a rejeição. Neste sentido, como pensar o exercício da cidadania democrática? Especialmente as novas gerações, tem se distraído demasiadamente com as novas tecnologias. Vítimas, talvez, das mídias e do apelo economicista, esta geração de jovens, dos dias atuais, tem de fato vivenciado uma “liberdade perigosa”. Desfrutam de uma liberdade histórica. Porém, esta liberdade, por vezes, se transforma em formas de viver e ser totalmente vazias, superficiais e “perigosas”. Com raras exceções, agem como se tivessem perdido o sentido da vida, e todas as coisas são vividas no “aqui e agora”, onde tudo se resume em futilidades e superficialidades cotidianas. Estas novas gerações, seduzidas pela internet, gastam muito do seu tempo nas redes sociais e com isso pouco tempo e interesse tem pelas leituras mais profundas e pela participação social. Cria-se assim, cada vez mais um vazio social.

Os riscos à democracia, desta forma, se tornam uma ameaça real, e os possíveis retrocessos a experiências políticas autoritárias já não são descartados. Porém, urgentemente se faz necessário reestruturar as relações entre o cidadão e o estado, o qual no atual momento se mostra desgastado, fragilizado e deteriorado. Para Nussbaum (2004, p. 265):

No deseamos vivir en una democracia en la que la gente tenga que pagar para ser tratada con respeto, aunque el dinero sea una suma trivial y le sea dado por el Estado. El respeto es una condición sine qua non de la relación entre el Estado y sus ciudadanos, de todos sus ciudadanos.

## **2. Princípios e Fins da Educação na atualidade.**

A forma como os indivíduos pensam, e agem, é em grande parte resultado da formação recebida. A questão aqui é saber, então, para que se educa? Quais são os objetivos e

intencionalidades subjacentes às práticas educativas na atualidade? Quem educa? Ninguém se torna um sujeito crítico, analítico e participativo, ao acaso. Estas atitudes pressupõem uma educação que fomente e estimule o desenvolvimento de tais atitudes. Se o modelo de desenvolvimento adotado é meramente voltado ao econômico, estas habilidades não interessam. Para a maioria dos países, entre os quais se incluem o Brasil, a meta principal tem sido a busca pelo desenvolvimento econômico. Neste sentido, o papel da educação em qualquer dos níveis, não visa garantir mais do que os conhecimentos básicos para que o cidadão desenvolva as aptidões necessárias para um dia inserir-se no mercado. Para Nussbaum (2010, p.41), *“la educación para el crecimiento económico requiere de aptitudes básicas, alfabetización y competencia matemática. También necesita algunas personas que tengan conocimientos más avanzados de informática y tecnología”* e só. Ou seja, não percebemos nestes modelos de desenvolvimento o desejo pela formação plena do cidadão. Sendo assim,

ese tipo de educación también procura que los relatos de la historia y la economía no provoquen ningún tipo de pensamiento crítico serio sobre cuestiones de clase, de raza y de género, sobre los supuestos beneficios de las inversiones extranjeras para los sectores pobres de la población rural ni sobre la supervivencia de la democracia cuando existe una profunda desigualdad de oportunidades básicas (NUSSBAUM, 2010, p. 42).

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de um pensamento crítico reflexivo-torna-se um problema, uma ameaça a esse modelo, como diz Nussbaum (2010, p.43): *“la libertad de pensamiento en el estudiante resulta peligrosa si lo que se pretende es obtener un grupo de trabajadores obedientes con capacitación técnica que lleven a la práctica los planes de las élites orientados a las inversiones extranjeras y el desarrollo tecnológico”*. Acerca do que considera as mudanças mais drásticas e que tem comprometido a formação para a cidadania, Nussbaum destaca que *“En casi todas las naciones del mundo se están erradicando las materias y las carreras relacionadas con las artes y las humanidades, tanto a nivel primario y secundario como a nivel terciario y universitario”*. (NUSSBAUM, 2010, p. 20)

Infelizmente, não é necessário pensar muito para concluir que o que temos produzido como formação em nossas Universidades está em consonância com o que Nussbaum aponta como um tipo de educação sem compromisso com a formação da cidadania democrática. A ênfase na constituição das grades curriculares dos cursos superiores está pautada na



especificidade técnica de cada área, sendo as humanidades e toda forma de desenvolvimento de pensamento reflexivo relegado à segundo plano. O que se percebe, salvo raras exceções, é o foco na ideia de Empreendedorismo. Nesta perspectiva, o importante é ser um “sujeito empreendedor”, ideal este que tem perpassado todas as áreas do conhecimento. Encontrar mecanismos de crescimento econômico, ter sucesso, ser bem sucedido, adaptar-se ao mercado é o que realmente importa, este é o discurso que prevalece.

Talvez o descaso e a indiferença política, percebida nas novas gerações, sejam por esta falta de intencionalidade, de comprometimento dos projetos educativos com as questões políticas e sociais. Ou colocado de outra forma, pode ser justamente esta a intenção, a de que se mantenha os cidadãos o mais distante possível dos debates, das possibilidades de desenvolver uma sensibilidade que faça oposição aos preconceitos, discriminações e diferenças sociais. Será que a formação de sujeitos tecnicamente competentes, mas endurecidos de sentimentos, de atitudes humanitárias, pode ser algo que interessa a certas formas de exercício de poder, mesmo que travestidas de democráticas? O pensamento de Rousseau é instigante e nos faz refletir quando diz:

Da extrema desigualdade das condições e das fortunas, da diversidade das paixões e talentos, das artes inúteis, das artes perniciosas, das ciências frívolas, saíam multidões de preconceitos, igualmente contrários à razão, à felicidade, à virtude; ver-se ia fomentado pelos chefes tudo quanto desunindo-os, pudesse enfraquecer os homens reunidos, tudo quanto pudesse dar à sociedade um ar de concórdia aparente e semear-lhe um germe de divisão real, tudo quanto pudesse inspirar às diferentes ordens uma desconfiança e um ódio mútuo mediante a oposição de seus direitos e de seus interesses e, conseqüentemente, fortalecer o poder que os abarca a todos.(ROUSSEAU, 1999, p. 239)

Podemos dizer que, de certa forma, todos somos responsáveis pela manutenção dos preceitos democráticos e igualmente responsáveis seremos pela sua morte. Se as novas gerações não forem motivadas à reflexão histórica, poderão aceitar passivamente retornos e retrocessos de formas tirânicas e totalitárias de poder. Sobre esta responsabilidade, que paira sobre a Educação, na formação do cidadão, nos servimos do pensamento de Aristóteles, que desde a antiguidade, já dizia:

o mais importante meio para a conservação dos Estados, mas também o mais negligenciado é fazer combinarem a educação dos cidadãos e a Constituição. Com efeito, de que servem as melhores leis e os mais estimáveis decretos se não se acostumar os súditos a viverem segundo a forma do seu governo? (...) Ora, educar os súditos em consonância com o Estado não é adular os grandes ou o povo, nem



empenhar-se em comprazê-los, mas acostumar os cidadãos a manter sua oligarquia ou sua Democracia. (ARISTÓTELES, 1998, p. 243).

Partindo deste pensamento de Aristóteles, pressupõe-se que se quisermos a continuidade das democracias, deveremos nos preocupar com a formação de cidadãos, oportunizando a estes vivências práticas, experiências educativas coerentes com os princípios democráticos, que são acima de tudo humanísticos, uma vez que *“el modelo del desarrollo humano supone un compromiso con la democracia, pues un ingrediente esencial de toda vida dotada de dignidad humana es tener voz y voto em la elección de las políticas que gobernarán la propia vida.”* (NUSSBAUM, 2010, p. 47)

Vivemos sob a égide e domínio da razão instrumental<sup>1</sup>, a qual tem, entre outros, desconstruído o sentido pleno da cidadania e os laços afetivos e de convivência social e saudáveis. O mundo se apresenta mais como um ringue de lutas do que um espaço bom, agradável e feliz para se viver.

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isto se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. (ADORNO, 1995 p. 13)

A História nos mostra que no passado, vivenciamos boas experiências, especialmente no período da Ditadura Militar no Brasil, de uma juventude participativa. Jovens que formavam uma consciência crítica e política, por meio dos movimentos estudantis, altamente politizados e atuantes no processo político. No entanto, as Universidades estão hoje politicamente neutras, seja pela dependência dos recursos governamentais, seja pela cultura da técnica. Segundo Arendt (2001, p. 322):

Hoje, essa importância autenticamente política da instituição acadêmica é facilmente despercebida devido à proeminência de suas faculdades profissionais e a evolução de suas repartições dedicadas à ciência natural, onde, inesperadamente, a pesquisa pura forneceu tantos resultados positivos que se demonstrou em larga escala vital para a sociedade. Nenhuma pessoa pode, em absoluto, negar a utilidade social e técnica das universidades, porém essa importância não é política. As ciências Históricas e as

---

<sup>1</sup>Razão instrumental é um termo usado provavelmente por Max Horkheimer no contexto de sua teoria crítica, para designar o estado em que os processos racionais são plenamente operacionalizados (Escola de Frankfurt); à razão instrumental, Horkheimer opõe a razão crítica.

Humanidades, que tem a obrigação de descobrir, conservar sob guarda e interpretar a verdade dos fatos e os documentos humanos, têm relevância politicamente maior. O dizer a verdade dos fatos abrange muito mais que a informação diária suprida pelos jornalistas, posto que sem eles nunca poderíamos nos orientar em um mundo em contínua mudança e, no sentido mais literal possível, nunca saberíamos onde nos encontraríamos. (.....)Verdades bem desagradáveis tem saído das universidades, e sentenças bem indesejáveis muitas vezes têm sido emitidas de um tribunal; essas instituições, como outros refúgios da verdade, permaneceram expostas a todos os perigos provenientes do poderio político e social.

É inadiável e necessário repensarmos acerca do que se tem feito nas Universidades com relação à formação dos sujeitos, visando a busca de perspectivas para além da racionalidade instrumental. Pensar formas alternativas, ou ao menos abrir-se ao debate, dialogar sobre quais princípios humanitários tem se pautado a formação dos profissionais, nas mais diferentes áreas do conhecimento, já seria um bom começo: *“Por lo tanto, el modelo del desarrollo humano no es una quimera idealista, sino que se encuentra estrechamente vinculado com los compromisos constiucionales, a veces incumplidos, de casi todas las naciones democráticas.”* (NUSSBAUM 2010. p. 48).

Além disso, nos parece urgente que outro pensamento, mais crítico, mais reflexivo seja fomentado entre as novas gerações.

### **3. Pressupostos para a Cidadania Democrática e o papel das Universidades**

São muitos as reflexões e aprendizados que as ideias de Nussbaum nos oportunizam mediante seus escritos. Neste contexto, vamos dar ênfase a dois conceitos: a questão do “cidadão do mundo” e do “choque de civilização”, para em seguida analisarmos alguns dos pressupostos elencados pela autora, como necessários, para a construção de uma cidadania democrática.

Os jovens, os especialistas, “os experts” da contemporaneidade, pela lógica da globalização são formados sob o paradigma de se tornarem “cidadãos do mundo”, sobre as prerrogativas de que serão profissionais em um mundo “sem fronteiras”. Os preceitos Neoliberais os requerem para o mundo na perspectiva econômica e para tanto precisam ser formados para que se sejam sujeitos flexíveis, adaptáveis, que não se apeguem a lugares, pessoas, processos, mas que estejam abertos e suscetíveis a mudanças permanentes, que

prezem pela objetividade e excelência na produtividade e que dominem com eficácia as novas e sempre atualizadas tecnologias.

Porém, há uma outra lógica, que deveria ser o foco principal na formação do cidadão do mundo:

*La idea de la rentabilidad convence a numerosos dirigentes de que la ciencia y la tecnología son fundamentales para la salud de sus naciones en el futuro. Si bien no hay nada que objetarle a la buena calidad educativa en materia de ciencia y tecnología ni se puede afirmar que los países deban dejar de mejorar esos campos, me preocupa que otras capacidades igualmente fundamentales corran riesgo de perderse en el trajín de la competitividad, pues se trata de capacidades vitales para la salud de cualquier democracia y para la creación de una cultura internacional digna que pueda afrontar de manera constructiva los problemas más acuciantes del mundo. (NUSSBAUM, 2010, p. 25)*

Quais são estas outras capacidades, vitais para a saúde de qualquer democracia, que nos fala Nussbaum? Há indícios de que as profissões de hoje, muitas delas, não mais existirão na próxima década. Então, formar com base nas competências necessárias para o mercado, por si só, é uma falácia. As capacidades, as quais a autora se refere, não estão centradas no domínio das questões econômicas, técnicas, científicas, embora isso não significa dizer que estas não sejam importantes. Porém, devemos reconhecer que ao invés de adestrar, instruir maquinalmente os alunos, o foco deveria estar em um tipo de formação que auxiliasse o aluno a perceber-se como um ser que pertence a um todo, a um complexo de coisas, situações, lugares, espaços diversificados, e que, ele pode transitar por outros países, outras culturas, obter outras vivências, torna-se um cidadão do mundo na medida que desenvolve uma consciência universal e, portanto, mais humanizada, solidária e igualitária. Assim nos diz Nussbaum (2010, p.77-78):

Cuando se le preguntó al antiguo filósofo griego Diógenes de dónde venía, el respondió: “Soy un ciudadano del mundo”. Con esto quiso decir que se negaba a definirse simplemente por sus orígenes locales y por su calidad de miembro de un grupo, asociaciones básicas con las que un varón griego convencional construía su imagen. Insistió en definirse en función de aspiraciones y preocupaciones más universales. Los estoicos que siguieron su ejemplo desarrollaron más plenamente su imagen de kosmopolités, o ciudadano del mundo, argumentando que, en efecto, cada uno de nosotros habita en dos comunidades: la comunidad local de nuestro nacimiento y la comunidad del razonamiento y aspiraciones humanas, que “es en verdad grande y en verdad común”. Es en esta última comunidad, fundamentalmente, donde se encuentra la fuente de nuestras obligaciones morales y sociales. Respecto de valores morales fundamentales tales como la justicia, “deberíamos considerar a todos los seres humanos como nuestros conciudadanos y habitantes de la misma localidad.

Respeito e igualdade estão entre os elementos mais importantes, segundo Nussbaum para uma sociedade democrática. Porém, a mesma reconhece que não há uma sociedade perfeita, todas giram em torno do maior ou menor grau que estes valores são manifestados. Por isso, considera que existe um choque de civilizações, *“En efecto ninguna sociedad es pura. El “choque de civilizaciones” constituye un elemento interno de todas ellas: siempre existen algunas personas que están dispuestas a vivir con las demás en condiciones de respeto mutuo y reciprocidad, y otras que se reconfortan con la dominación”*(NUSSBAUM, 2010, p. 54).

Hoje, com a informática e as redes sociais, as distâncias, de certa forma, foram encurtadas. Podemos nos comunicar instantaneamente com pessoas de várias partes do mundo. Porém, este encurtamento das distâncias se contrapõe a um distanciamento marcado pelas diferenças, pela intolerância, pelas disputas. Internacionalização, intercâmbios, trocas de experiências, são a tônica do momento. Fazem parte dos valores do momento. Tudo isso tem seu lado positivo e não significa que o sujeito não precise abdicar de sua individualidade para conviver de forma respeitosa e solidária. O que necessitamos, na verdade, é de uma outra visão, outra percepção, uma outra sensibilidade para com o outro. Segundo Nussbaum (2010, p.88):

En otras palabras, no tenemos que renunciar a nuestras particulares inclinaciones e identificaciones, ya sean nacionales, étnicas o religiosas; más bien, deberíamos trabajar para hacer que todos los seres humanos formen parte de nuestra comunidad de diálogo y de preocupaciones, mostrando respeto por lo humano donde quiera que se dé, y permitiendo que ese respeto marque los límites de nuestras políticas nacionales e locales.

Segundo Nussbaum, para que os cidadãos cultivem sua humanidade, é necessário que além de “ver-se a si mesmo”, sintam-se vinculados aos demais com os quais se identifiquem pelas mesmas preocupações e necessidades. Em nosso entendimento este seria o verdadeiro sentido da “aldeia global”. A terra, as nações, as diferentes nacionalidades e culturas, apesar de suas diversidades, de suas diferenças, encontrando o ponto que une a todos, o ponto que nos faz diferentes e iguais ao mesmo tempo: nossa humanidade.

*Los ciudadanos que cultivan su humanidad necesitan, además, la capacidad de verse a sí mismos no sólo como ciudadanos pertenecientes a alguna región o grupo, sino también, y sobre todo, como seres humanos vinculados a los demás seres humanos por lazos de*

*reconocimiento y mutua preocupación. Ell mundo a nuestro alrededor es ineludiblemente internacional (NUSSBAUM, 2005, p.29).*

Com relação à educação, questiona-se, então: sob quais princípios deveríamos nortear o ensino que fazemos hoje, especialmente nas Universidades, espaço a que nos referimos neste estudo, caso tivéssemos a preocupação em avançar, superando estes modelos de Educação de caráter economicista, e buscássemos por uma educação plena de cidadania, comprometida com os preceitos de uma sociedade democrática? Sobre que bases deveria sustentar-se uma formação cujo propósito maior seja a sensibilização dos sujeitos para as questões que envolvem a todos, independente de raça, nação, credo, cor ou profissão?

Assim, entendemos que uma educação voltada para a cidadania democrática, tem mais a ver com a formação de atitudes, virtudes, valores e comportamentos do que com a aquisição de conteúdos, que por vezes não fazem qualquer sentido para o aluno. Quais seriam então as bases de uma educação para a democracia? *“a mi entender, este relato del narcisismo, la indefensión, la impotencia, la vergüenza, la repugnancia y la comprensión constituye el núcleo de aquello en lo que debe enfocarse la educación para la democracia”, afirma (NUSSBAUM, 2010, p. 68).*

Aqueles que anseiam pela manutenção do sistema democrático e acreditam que a educação, a formação, especialmente Universitária, tem contribuições importantes a dar na formação da cidadania democrática, devem considerar e esforçar-se para incorporar na formação dos sujeitos um conjunto de atitudes. A seguir faremos uso de um trecho considerável do livro *Sin fines de lucro*, onde Nussbaum (2010, p. 48-49) cita, sobre seu ponto de vista quais seriam estas atitudes:

*Si un país desea fomentar este tipo de democracia humana y sensible, dedicada a promover las oportunidades de “la vida, la libertad y la búsqueda de la felicidad” para todos y cada uno de sus habitantes ¿qué aptitudes deberá inculcar en sus ciudadanos? Como mínimo, las siguientes resultan fundamentales:*

- a) *La aptitud para reflexionar sobre las cuestiones políticas que afectan a la nación analizarlas, examinarlas, argumentarlas y debatirlas sin deferencia alguna ante la autoridad o a tradición.*
- b) *La aptitud para reconocer a los otros ciudadanos como personas con los mismos derechos que uno, aunque sean de distinta raza, religión, género u orientación sexual, y de contemplarlos con respeto, como fines en sí mismos y no como medios para obtener beneficios propios mediante su manipulación.*
- c) *La aptitud para interesarse por la vida de los otros, de entender las consecuencias que cada política implica para las oportunidades y las experiencias de los demás ciudadanos y de las personas que viven en otras naciones.*
- d) *La aptitud para imaginar una variedad de cuestiones complejas que afectan la trama de una vida humana en su desarrollo y de reflexionar sobre la infancia, la*

*adolescencia, las relaciones familiares, la enfermedad, la muerte y muchos otros temas, fundándose en el conocimiento de todo un abanico de historias concebidas como más que un simple conjunto de datos.*

- e) La aptitud para emitir un juicio crítico sobre los dirigentes políticos, pero con una idea realista y fundada de las posibilidades concretas que éstos tienen a su alcance.*
- f) La aptitud para pensar en el bien común de la nación como un todo, no como un grupo reducido a los propios vínculos locales.*
- g) La aptitud para concebir a la propia nación como parte de un orden mundial complejo en el que distintos tipos de cuestiones requieren de una deliberación transnacional inteligente por su solución.*

Este conjunto de “atitudes” propostas por Nussbaum, podem ser o referencial para repensarmos os currículos Universitários e também nos demais níveis de ensino. Para tanto, se abre um outro leque de questionamentos e situações a serem amplamente discutidas nos meios educacionais, como por exemplo: Estariam os professores preparados e desejosos de engajar-se em um projeto desta natureza? Enfim, temos muitas questões pela frente. Importante é que se instigue o debate, a reflexão, os quais são condição para toda e qualquer possível mudança.

### **Considerações finais**

Hoje nos vemos em meio a muitas inquietações sociais e políticas que assolam o mundo todo. De fato, a crise se globalizou. Temos percebido como reflexo social esta crise promover descrença, desesperança, críticas e acusações, na maioria das vezes infundadas e preconceituosas. O senso comum prevalece nas conversas e nas discussões. Nestes momentos, desejaríamos contar com sujeitos críticos, politizados, posicionados, argumentativos, capazes de relacionar e analisar passado e presente. No entanto, o que de fato este contexto tem nos oportunizado é diagnosticar o que se tem feito enquanto formação dos sujeitos, pela forma como reagem e agem em meio à crise. O que vemos e ouvimos é desanimador e fica uma certeza: precisamos urgentemente repensar o sentido e os fins da Educação.

Concordamos e nos servimos do pensamento de Martha Nussbaum, a qual nos leva a repensar nossa própria humanidade. Diz o ditado popular que o pior cedo é que não quer ver. Por isso temos que “ver” aonde a ciência e a tecnologia, resultantes da razão instrumental nos levaram sem, contudo, negarmos a importância de todos os avanços conquistados. O que questionamos é qual foi o preço social pago até aqui? Quanto de humanidade ficou para trás, quantos valores, como a solidariedade, a honestidade, a integridade, a bondade, e justiça

foram esquecidos na formação das novas gerações? Precisamos auxiliar as novas gerações a construir sua humanidade, a incorporarem estes valores que são tão necessários à vida de cada um, quanto à vida e sobrevivência das democracias. Para que não soframos o revés histórico, o risco de cairmos em mãos de forças totalitárias é necessário uma educação para a ação, para atitudes humanas e humanizantes.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARENDT, Hanna. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2001.
- ARISTÓTELES. *A política/Aristóteles*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENEVIDES, M. V. *Educação para a Democracia*. Lua Nova (online) 1996, n.38, p. 223-237. ISSN 0102-6445.
- DALBOSCO, C. A. *Pragmatismo, teoria crítica e educação: ação pedagógica como mediação de significados*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- DEWEY, J. *Democracia e Educação: Introdução a filosofia da Educação*. São Paulo: Nacional, 1979.
- GENTILI, P. & FRIGOTTO, G. *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- GOERGEN, P. *Pós Modernidade ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- IANNI, O. *A era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- NUSSBAUM, M. C. *El Cultivo de La Humanidad. Una defensa classica de la reforma en la educación liberal*. (J. Pailaya, Trad.), Barcelona: Paidós. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Sin fines de lucro – Por qué la democracia necesita de las humanidades*. Buenos Aires: Katz, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Justiça Social*. Portugal: Edições Pedagogo, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Los Limites del patriotismo. Identidad, pertenencia Y “ciudadania mundial”*. Barcelona: Paidós, 2012.
- \_\_\_\_\_. *El ocultamiento de lo humano, repugnancia, vergüenza y ley*. Buenos Aires: Katz Editores, 2012.



ROUSSEAU. J.-J. *Do contrato social: princípios do direito político*. Tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2000.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS. M. *Fim de século e Globalização*. São Paulo: Editora HucitecLtda, 2002.